

da vontade. A fala é a dimensão original na qual o ser humano é capaz de responder ao chamado do Ser e, respondendo, pertencer a ele. O pensamento é a realização dessa correspondência original.⁷⁴

Em termos de uma simples reversão de pontos de vista, poderíamos ficar tentados a ver na posição de Heidegger a justificativa da reversão aforística de Descartes feita por Valéry: "L'homme pense, donc je suis — dit l'univers" ("O homem pensa, logo eu existo — diz o universo").⁷⁵ A interpretação é de fato tentadora, já que Heidegger certamente concordaria com a frase de Valéry "Les évènements ne sont que l'écume des choses" ("Os acontecimentos não são mais do que a espuma das coisas"). Não concordaria, entretanto, com o pressuposto de Valéry de que o que realmente é — a realidade subjacente da qual a superfície é simples espuma — é a realidade estável de um Ser substancial, e, em última análise, imutável. Tampouco teria concordado, seja antes, seja depois da "reviravolta", que "o novo é, por definição, a parte perecível das coisas" ("Le nouveau est, par définition, la partie périssable des choses").⁷⁶

Desde que reinterpreta sua "reviravolta", Heidegger insiste na continuidade de seu pensamento, no sentido de que *Ser e Tempo* era uma preparação necessária que já continha de um modo provisório a principal direção de seu trabalho final. E isso é em grande parte verdade, embora possa vir a desradicalizar a reviravolta posterior e as conseqüências que nela estão obviamente implícitas para o futuro da filosofia. Começamos com as conseqüências mais impressionantes, que se encontram no próprio trabalho posterior, a saber, primeiro a noção de que o pensamento solitário em si constitui a única ação relevante no registro factual da história; e, segundo, a idéia de que pensar é o mesmo que agradecer (e não só por razões etimológicas).^{*} Uma vez feito isto, tentaremos seguir o desenvolvimento de certos termos-chave em *Ser e Tempo*, e ver o que acontece com eles. Os três termos-chave que proponho são Cuidado, Morte e Eu.

O Cuidado — em *Ser e Tempo*, o modo fundamental do interesse existencial do homem por seu próprio ser — não desaparece simplesmente em favor da Vontade, com a qual obviamente tem em comum algumas características; ele altera radicalmente a sua própria função. Quase perde sua relação consigo mesmo, seu interesse pelo próprio ser do homem, e, junto com isso, a disposição de "ansiedade" produzida quando o mundo no qual o homem é "lançado" revela-se como "nada" para um ser que sabe de sua própria mortalidade — "das nackte Dass im Nichts der Welt", "aquilo nu no nada do mundo."⁷⁷

A ênfase altera-se de *Sorge*, como preocupação ou interesse para consigo mesmo, para *Sorge*, como tomar conta; e isso não de si mesmo, mas do Ser. O homem, que era o "zelador" (*Platzhalter*) do Nada, e que, portanto, estava aberto ao desvelamento do Ser, transforma-se agora no "guardião" (*Hüter*) ou "pastor" (*Hirte*) do Ser, e sua fala oferece ao Ser sua morada.

* A autora refere-se à relação etimológica entre *think* (pensar) e *thank* (agradecer), em inglês, que correspondem aos termos alemães *Denken* e *Danken* (N.T.).

A Morte, por outro lado, que originalmente era real para o homem somente como a possibilidade mais extrema — "se fosse realizada [por exemplo, no suicídio], o homem obviamente perderia a possibilidade que tem de existir em face da morte"⁷⁸ —, transforma-se agora na "redoma" que "reúne", "protege" e "salva" a essência dos mortais, que são mortais não porque sua vida tenha um fim, mas porque estar morto pertence ainda ao seu ser mais íntimo.⁷⁹ (Essas descrições, que soam estranhas, referem-se a experiências bem conhecidas, atestadas, por exemplo, pela antiga máxima *de mortuis nil nisi bonum*. Não é a dignidade da morte enquanto tal que nos faz temê-la e respeitá-la, mas sim a curiosa mudança de vida para morte que acomete a personalidade dos mortos. Na lembrança — o modo como os mortais vivos pensam sobre seus mortos —, é como se todas as qualidades não essenciais percessem com o desaparecimento do corpo em que estavam encarnadas. Os mortos são postos na "redoma" da lembrança como relíquias preciosas deles mesmos.)

Finalmente, há o conceito de *Eu*, e é este o conceito cuja mudança na "reviravolta" é a mais inesperada e também a que tem maiores conseqüências. Em *Ser e Tempo*, o termo "Eu" é "a resposta para a questão *Quem [é o homem]?*", em oposição à questão "O que ele é"; o Eu é o termo para a existência do homem em oposição a qualquer qualidade que ele possa ter. Essa existência, o "autêntico ser um Eu", é extraída polemicamente do "Eles". ("Mit dem Ausdruck 'Selbst' antworten wir auf die Frage nach dem Wer des Daseins... Das eigentliche Selbstein bestimmt sich als eine existenzielle Modifikation des Man.")⁸⁰ Modificando o "Eles" da vida cotidiana, a existência humana produz um "solus ipse" e Heidegger fala, nesse contexto, de um "solipsismo existencial", isto é, da realização do *principium individuationis*, uma realização que, em outros filósofos, encontramos como uma das funções essenciais da Vontade. Heidegger atribuiu-a originalmente ao Cuidado, seu termo inicial para o órgão do homem para o futuro.⁸¹

Para sublinhar a semelhança entre Cuidado (antes da "reviravolta") e Vontade em um cenário moderno, voltamos-nos para Bergson, que — certamente não influenciado por pensadores anteriores, mas seguindo a evidência imediata da consciência — propusera, apenas algumas décadas antes de Heidegger, a coexistência de dois eus, um social (o "Eles" de Heidegger) e o outro, o "fundamental" (o "autêntico" de Heidegger). A função da vontade é "recuperar esse eu fundamental das "atribuições da vida social em geral e da linguagem em particular", isto é, daquela linguagem falada habitualmente em que cada palavra tem um "significado social".⁸² Trata-se de uma linguagem repleta de clichês, necessária para a comunicação com os outros em "um mundo externo bem distinto de [nós mesmos], que é a propriedade comum a todos os seres conscientes." A vida em comum com os outros criou seu próprio tipo de fala, que leva à formação de "um segundo eu ... que obscurece o primeiro." A tarefa da filosofia é levar de volta esse eu social para "o eu real e concreto..., cuja atividade não pode ser comparada à de qualquer outra força", porque essa força é a pura *espontaneidade* de que "cada um de nós tem consciência imediata", e que é obtida somente pela observação imediata